



O desafio da produção audiovisual por alunos de escolas públicas douradenses: um estudo de caso do Projeto Cine-Escola¹

Jany Carla Arruda da SILVA²

Centro Universitário da Grande Dourados - UNIGRAN, Dourados, MS

RESUMO

Esta pesquisa propôs-se a analisar pelo viés dos princípios da Educomunicação, o projeto Cine-Escola, desenvolvido com estudantes de duas escolas estaduais de Dourados MS em 2007/2008, que projetou trabalhar, dentro e fora da sala de aula, a produção de vídeo digital pelos alunos, especialmente, dentro do gênero documentário. Contraindo seus resultados pretendidos e alcançados, observamos a importância do aprendizado da mídia e suas implicações para a formação de adolescentes e jovens mais críticos e conscientes de sua importância na sociedade, bem como, a necessidade de expandir as práticas da educomunicação de forma pragmática, a fim de formar no contexto escolar locais verdadeiros educadores, ainda, fomentar o comprometimento e trabalho conjunto entre escola, aluno, educador, comunicador, instituições de ensino superior e governo.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; mídia; educação; comunicação.

INTRODUÇÃO

Segundo Maria Cristina Castilho Costa (Costa, 2003, p.1), vice-coordenadora do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NCE/ECA - USP), as razões que aproximam comunicação e educação são sociais, pois, em meio ao poder de penetrabilidade da mídia, Costa reflete a importância de educar o público, de torná-lo consciente do poder e efeito das informações, enfim, de fazê-lo manter uma atitude crítica diante da mídia. Neste sentido, o caminho que as várias pesquisas apontam é atrelar comunicação e educação, para assim, promover a consciência ou o resgate da cidadania, seguindo as diretrizes principais da Educomunicação, como indica Soares:

A educomunicação é um conjunto de ações inerentes ao planejamento, à implementação e à avaliação dos processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativos, dentre outros, assim como melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2003, p. 14).

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Secretariado Executivo Bilingüe – Português/ Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 2004. Atualmente cursando o 8º semestre de graduação em Comunicação Social no Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran). Endereço eletrônico: jany_carla@yahoo.com.br.



Entendendo que a aplicação dos princípios da Educomunicação no processo de ensino aprendizagem nas escolas públicas leva a uma maior democratização das mídias, esta pesquisa investiga se o projeto Cine-Escola, de Dourados, de acordo com os princípios da Educomunicação, promoveu o encontro da comunicação com a educação, democraticamente e criticamente, de modo a realmente possibilitar aos alunos a leitura crítica dos meios de comunicação e expressão de suas opiniões a esse respeito, bem como, a inclusão social e digital dos estudantes, em sua maioria adolescentes.

O objeto de estudo desta pesquisa é uma iniciativa do professor Ronaldo Ferreira Gomes, chamado Projeto Cine-Escola, contou com a participação de alunos de duas Escolas Estaduais de Dourados-MS, Floriano Viegas Machado e Celso Müller do Amaral, nos anos de 2007 e 2008. O seu objetivo era a produção de documentários e vídeos, com base na interação professor, aluno e sociedade, como ferramenta didática para despertar o interesse e ensinar história, geografia e literatura regionais.

Para melhor alcançar o objetivo proposto segue uma visão geral dos princípios teóricos da Educomunicação, da metodologia aplicada, dos conceitos de produção audiovisual no contexto escolar e de vídeos documentários. Logo, fez-se uma descrição do planejamento e desenvolvimento do projeto Cine-Escola, assim, com base nas perspectivas da educomunicação, no que propõe a autora Lígia Cirino Girão quanto à produção audiovisual na escola e na definição de vídeo documentário proposta por Fernão Pessoa Ramos, foi possível analisar e confrontar o projeto com os seus resultados.

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

1.1 Educomunicação

Carlos Henrique Medeiros de Souza (2003) expõe que os meios de comunicação são um dos alicerces culturais e ideológicos da formação dos cidadãos e a inclusão das mídias digitais na educação tradicional abre novas possibilidades e requer uma reformulação das relações de ensino e aprendizagem, no que diz respeito ao fazer e como fazer. Nesta mesma linha, as referências teóricas do Projeto Educom.TV do NCE da USP, trazem que a Educomunicação mostra-se como “um novo campo interdisciplinar de ação e reflexão frente ao desenvolvimento da sociedade midiática, das novas tecnologias de comunicação e informação e do deslocamento da escola como fonte privilegiada de conhecimento”, assim, a intersecção entre comunicação e educação traz a tona a



importância da inclusão das mídias como instrumento pedagógico no processo educacional, da busca por uma comunicação interpessoal, grupal, organizacional e inclusiva dentro da escola.

Para Soares (2002, p. 7) o *locus* de ação da educomunicação são os ecossistemas comunicativos, ligados pelo conjunto de ações que permitem que educadores, comunicadores e outros agentes promovam e ampliem as relações de comunicação entre as pessoas que fazem parte da comunidade educativa, alunos, funcionários, pais, enfim, todos. Ao falar em “ecossistemas comunicativos”, Ismar Soares retoma o conceito de Jesús Martín-Barbero (2000), que considera o sujeito, sempre em relação a algo, inserido pelas tecnologias e meios de comunicação, e principalmente, constituído dentro de um conjunto de linguagens, representações e narrativas de todo os contextos que o rodeia e interferem em suas relações e impressões de mundo.

Na Educomunicação as ações devem ser elaboradas de maneira equilibrada, pela perspectiva da gestão comunicativa, “a organização do ambiente, a disponibilidade dos recursos, o *modus faciendi* (modo de fazer) dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de educação comunicacional” (Soares, 2002). Assim, de forma prática, o primeiro passo é levar os educandos a compreenderem os aspectos principais das mídias (objetivos, componentes, modos, suportes, etc), essa compreensão é chamada de letramento digital por Moran (2005, p. 97), ou seja, não basta apenas saber ler e escrever, é preciso usar, manusear, produzir e reproduzir usando as ferramentas tecnológicas disponíveis e também utilizadas pelos meios de comunicação, para produção jornalística e outras. O outro passo é um pouco mais complexo, pois está ligado a fazer com que o aluno, de fato, se compreenda como indivíduo inserido e atuante em um contexto de mundo e de sociedade. Essa percepção da realidade desperta a capacidade crítica, de análise e, conseqüentemente, de entendimento do porquê das coisas que ocorrem ao seu redor.

No planejamento e execução de qualquer ação que abranja os meios de comunicação, e imprescindível que o educador seja o primeiro a estar interado com o tipo de mídia que pretende trabalhar com seus alunos, suas características, componentes e implicações, essa é uma das obrigações de seu papel de mediador. No entanto, nesse novo campo, em que “a comunicação se volta à educação na busca de um espaço de relações pessoais na qual possa trabalhar com os aspectos cognitivos, críticos e comportamentais do público e onde prevaleça, por sobre os interesses comerciais e econômicos, uma postura formadora e libertadora”, as responsabilidades se aplicam a um novo profissional, o Educomunicador (COSTA, 2003, p. 2, 6-7), que pode trabalhar essas duas áreas dentro e fora da sala de aula

Trabalhar as mídias nas escolas públicas é um desafio que também conclama a responsabilidade do comunicador, que no processo de educomunicação é o responsável pelo material comunicativo usado pedagogicamente pelos alunos. Nesse momento, o jornalista assume



um papel coadjuvante, contudo, não menos importante, já que sua produção dentro dos princípios éticos do jornalismo fará com que o processo de inserção e compreensão do mundo e das mídias, pelo educador e pelo educando, seja facilitado e mais democrático, como explica Costa:

O importante é saber que inúmeras iniciativas nessas diversas linhas estão sendo implementadas no mundo todo, visando a uma educação mais pragmática, eficiente, formadora e crítica e uma mídia mais comprometida, séria, cidadã. Nosso trabalho é, portanto, trazer à luz essas possibilidades e acenar com as possíveis práticas que elas propõem, tendo consciência de que qualquer atraso nessa direção poderá resultar em uma educação menos eficiente e em uma comunicação mais hegemônica e alienante (COSTA, 2003, p. 8).

Desse modo, para inclusão das mídias na educação, mais que saber de suas existências, faz-se necessário compreender e interpretar todo o contexto (cognitivo, tecnológico, linguagem, técnico, social, político) em que estão inseridas, ou seja, estar ciente do que são, o que representam e identificar quando, como, para quem e com que intenções são desenvolvidas.

1.2 O vídeo documentário

Fernão Pessoa Ramos (2008, p. 22), pesquisador e professor da Unicamp, afirma que documentário é “uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa”, ou seja, ele estabelece afirmações sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como alguma afirmação sobre o mundo. A “natureza das *imagens-câmera*” e, principalmente, “a *dimensão da tomada*”, ou seja, a forma e a visão com que as imagens são capturadas e interligadas diferenciam as especificidades da narrativa documentária dos outros enunciados, escritos ou falados.

Segundo Fernão (2008, p. 103), a imagem documentária pode ser pensada a partir das seguintes etapas: a) a produção desta imagem através do que chamamos “tomada”, constituída a partir da presença de um “sujeito” no mundo sustentando a câmera (o sujeito da câmera); b) a composição desta imagem como imagem maquínica, mediada pela máquina câmera, implicando na dimensão indicial desta imagem a partir do traço do transcorrer do mundo no suporte (seja este suporte digital, videográfico ou película); c) a dimensão pragmática desta imagem, ao fundar a relação espectral, no modo que tem o espectador de poder “lançar-se” à circunstância da “tomada” fundada pelo sujeito da câmera.



Um documentário pode ser composto por vários elementos: entrevistas, som ambiente, legendas, música, imagens filmadas in loco, imagens de arquivo, reconstruções, etc, a sucessão de imagens implica uma interpretação por parte do documentarista mediante a escolha de técnicas de montagem. A construção das imagens, ângulos, sons em um documentário pode ensinar, expressar, criticar, construir, transformar – estas possibilidades podem e devem, em muito, ser exploradas por meio das escolhas de seu “construtor”, no momento da montagem ou edição.

Enfim, o autor vê o documentário como “narrativa capaz de captar a vida de improviso”, sempre aberto às reflexões e novas construções, em outras palavras, não o enquadra dentro de um padrão rígido, com início, meio e fim, mas o vê como resultado da visão de um sujeito, que de posse de uma câmera, usando das ferramentas técnicas, gêneros e elementos textuais e audiovisuais disponíveis e adequados ao seu objetivo, abusando de seu estilo e criatividade, apresenta “algo” para “alguém”.

1.3 A produção audiovisual em sala de aula

A reconstrução pelo meio audiovisual no âmbito educacional é uma forma de despertar interesse e conhecimento, ainda, preservar a memória e a cultura daquilo que será veiculado. Lucília Helena do Carmo Garcez (2005) esclarece que, enquanto na leitura de um texto escrito, o leitor, a partir de sua imaginação cria uma imagem mental do que é lido, exercício importante para a mente; no texto visual os elementos de linguagem, em sua maioria, são perceptíveis (formas, linhas, cores, luzes, figuras, cenários, texturas, etc).

Lígia Cirino Girão (2005, p. 113) divide o processo de produção de um vídeo na escola em cinco etapas: criação e planejamento; roteiro; pré-produção; direção e gravação; edição e finalização. Antes da produção é preciso escolher o assunto e definir os objetivos, para então, decidir pelo gênero que melhor aborde o tema e atinja o que foi proposto. Lembrando que mesmo estando dentro de um contexto educativo não precisa ser necessariamente, uma aula, na produção audiovisual pratica-se a liberdade.

Girão finaliza afirmando que é real a possibilidade de usar e produzir os recursos audiovisuais para a educação, pois mesmo se tratando de uma tarefa complexa, na medida em que se produz, mais aumenta a familiaridade com as várias fases do processo e com os equipamentos, assim, mais experiência é adquirida e mais fácil será construir uma análise crítica dos meios audiovisuais (2005, p. 115).



1.4 Metodologia

Cada situação comunicacional e educativa tem características peculiares e não pode ser generalizada, portanto, o melhor meio de análise se baseia na pesquisa qualitativa chamada estudo de caso, como explicam Alves-Mazzotti e Gewandsznajder “Ao contrário do que ocorre com as pesquisas quantitativas, as investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicáveis a uma gama de casos. (...) As pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas. Podemos dizer que a observação (participante ou não), a entrevista em profundidade e análise de documentos são os mais utilizados, embora possam ser complementados por outras técnicas” (2002, p. 147, 163).

Partindo deste ponto de vista, para uma melhor compreensão do objeto de estudo e alcance dos resultados pretendidos por essa pesquisa, foram dados os seguintes passos: planejamento – no segundo semestre de 2008 foi feito pré projeto de pesquisa; investigação focalizada ou coleta de dados – em abril de 2009 foram recolhidos os vídeos produzidos no projeto pelos alunos das duas escolas, sob orientação dos professores Ronaldo Ferreira Gomes e Laércio Cardoso de Jesus e realizadas entrevistas semi-estruturadas (perguntas por e-mail) e abertas (em profundidade, desestruturadas), com o professor Ronaldo e Laércio, bem como com três alunos. Não foi possível contato com oito alunos pretendidos, levando em consideração que a média de participação efetiva foi de onze alunos, pois, como o projeto parou há mais de um ano e os alunos eram de duas escolas diferentes, perdeu-se os contatos e não foi possível localizá-los.

Toda a ação executada, teve como propósito entendermos qual importância deram ao encontro entre educação e comunicação, ainda, tentar perceber que benefícios ele trouxe; análise das informações ou período exploratório – análise dos vídeos produzidos e entrevistas realizadas; redação de relatório final – ligando o referencial teórico obtido com os resultados da análise dos vídeos e entrevistas do projeto, para enfim, verificar seus acertos e falhas, segundo os princípios teóricos da Educomunicação, levando em consideração o contexto das escolas públicas de Dourados/MS.

Por ser um assunto complexo e envolver diretamente a vida e aprendizado dos que participaram do projeto Cine-Escola, preferiu-se entrevistas semi-estruturadas e abertas (em profundidade) quando possível, ao invés de questionários, para melhor explorarmos e entendermos as transformações e percepções atribuídas pelos entrevistados.

2 PROJETO CINE-ESCOLA: O IDEAL



Segundo o calendário de atividades do Projeto Cine-Escola, seria desenvolvido de 24 de abril de 2007, com a aula inaugural, a 15 de dezembro de 2007, com o lançamento do documentário produzido pelos estudantes em Dourados, sem lugar pré-definido. Com o *slogan* “Educação em cena”, foi idealizado e coordenado pelo professor Ronaldo Ferreira Gomes³, com a ajuda dos professores Laércio Cardoso de Jesus⁴ e Reissoli Venâncio da Silva⁵, ambos do Núcleo de Tecnologia Educacional de Dourados (NTE Dourados). A adesão ao projeto era livre, foram abertas 30 vagas e convidados a participar alunos das escolas Estaduais Celso Muller do Amaral⁶ e Floriano Viegas Machado⁷. Seu principal objetivo era:

Capacitar alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas de Dourados, para produção de vídeos documentários focalizando a História e Cultura regional de Dourados, tendo como alvo o público adolescente e jovem, pois além de recuperar e aumentar a auto-estima do educando com baixo rendimento escolar, visa despertar o interesse pela pesquisa.

O planejamento traz como apoiadores culturais do projeto: a Câmara Municipal de Dourados, Prefeitura Municipal de Dourados, pela Secretaria de Educação, Jornal Dourados News, Jornal O Progresso, Jornal Diário MS, TV Rit Dourados MS, Rádio Grande FM 92,1, Escolas Estaduais Floriano Viegas Machado e Celso Müller do Amaral.

O projeto pretendeu fazer com que os estudante com baixo rendimento escolar fossem motivados pela aprendizagem do cinema e vídeo, a saírem das salas de aula para a produção e edição de documentários e vídeos em DVD sobre temas relevantes da história, geografia e cultura douradenses, como meio de promoção da cidadania. Depois de pronto esse material, a intenção era apresentá-lo para os alunos da rede escolar de Dourados. O primeiro tema proposto de produção de um vídeo documentário foi “Dourados: sua história, sua gente”. Depois da produção do primeiro trabalho, outra meta em destaque seria a replicação do projeto em outras escolas, com outros grupos, como forma de ampliar os resultados.

O projeto justificou-se pela escassez de material didático audiovisual voltado ao público de estudantes adolescentes e jovens sobre a história de Dourados e também Mato Grosso do Sul. Além

³ Professor de História e Ciências Sociais, na EE Floriano Viegas Machado, pós-graduado em Educação especial, e-mail: ronaldofgom@yahoo.com.br, entrevista concedida em 07/03/09 e 13/06/09.

⁴ Mestre em História Regional do MS e especialista em novas tecnologias na educação do Núcleo de Tecnologia Educacional de Dourados (NTE), e-mail: laerciocj@gmail.com, entrevista concedida em 12/06/09.

⁵ Mestre em novas tecnologias na educação, pela UFRGS, Diretor do Núcleo de Tecnologia Educacional de Dourados, e-mail: rvensil@hotmail.com.

⁶ Rua Ciro Melo, 5305, Jardim Ouro Verde, Dourados MS.

⁷ Rua Ponta Porã, 6500, Jardim Maracanã, Dourados MS.



disso, pela dificuldade das escolas superarem os problemas constantes de indisciplina, evasão, desmotivação e violência.

Além do objetivo principal, já citado, os objetivos específicos se referiam a: criação de novas ferramentas pedagógicas produzidas a partir da realidade contextual dos alunos e comunidade; elevar o nível de frequência escolar, comportamento participativo e rendimento global dos alunos; transmitir à comunidade parte de sua cultura e história local, com base na historiografia, literatura e memória popular; proporcionar novas opções profissionais aos participantes, dentre outros.

Quanto ao monitoramento e avaliação, a proposta era que fosse acompanhado e avaliado em todas as suas etapas pela comissão coordenadora, pelo Núcleo de Tecnologia Educacional de Dourados, já dois de seus profissionais o acompanharia de perto, também pelas duas escolas estaduais envolvidas. Essa avaliação seria em forma de relatório das ações registradas em fotos e vídeos, servindo também como uma forma de prestação de contas.

Foram disponibilizadas no planejamento as responsabilidades dos agentes, diretos e indiretos, participantes da execução do projeto, chamados de “parceiros”, supõe-se que essas entidades seriam chamadas a colaborar: universidades – UFGD, Uems, Unigran e Uniderp; Prefeitura Municipal de Dourados e escolas.

No cronograma de ações, a proposta de início prático seria em abril de 2007, com a seleção dos alunos; abril a novembro de 2007 compreenderia um período nominado capacitação, entendendo-se como a execução das fases teórica e de pesquisa; a fase de produção compreenderia os meses de agosto a novembro e a fase de divulgação ou lançamento ocorreria no mês de dezembro de 2007.

3 DA TEORIA À PRÁTICA: DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

Este capítulo foi desenvolvido com base nas informações obtidas nas entrevistas com os professores Ronaldo Ferreira Gomes, Laércio Cardoso de Jesus, com os participantes Viviane da Silva Farias⁸, Bruno Fidelis de Paula⁹ e Renieder Prieto Balbuena¹⁰, único participante voluntário do projeto, pela análise dos vídeos produzidos e disponibilizados pelo coordenador do projeto, ainda, algumas anotações e documentos que ficaram sob a responsabilidade da participante Viviane.

⁸ 16 anos, cursando o 3º ano do ensino médio, entrevista aberta concedida em 18 de abril de 2009.

⁹ 17 anos, cursando o 3º ano do ensino médio, entrevista aberta concedida em 18 de abril de 2009.

¹⁰ 23 anos, parou de estudar no 8º ano do Ensino Fundamental, entrevista aberta concedida em 18 de abril de 2009.



O convite nas escolas foi dado no final de 2006, e as inscrições foram feitas com a aluna Viviane. Inscreveram-se 30 alunos das duas escolas e a primeira reunião aconteceu dia 24/04/2007, com a presença de 12 alunos. O projeto tem em arquivo apenas 11 listas de presença, com uma participação média de 11 alunos por encontro. Sendo que pelo menos 11 alunos se inscreveram e não constam suas presenças em nenhuma lista. Indagados os alunos entrevistados quanto às poucas presenças, eles responderam que pela participação ter sido voluntária, ou seja, sem vinculação a notas nas disciplinas, também pelas dificuldades enfrentadas, poucos realmente se dedicaram ao projeto, “só os que realmente queriam aprender permaneceram”, afirmaram.

As fases teórica e de pesquisa do projeto Cine-Escola aconteceram com aulas aos sábados a tarde, das 14h as 17h, maioria na escola Celso Müller do Amaral, mescladas em teóricas e práticas e ministradas somente pelos professores coordenadores Ronaldo e Laércio.

O projeto foi realizado, na verdade, quase que de maneira independente, pois o único apoio direto recebido foi do Núcleo de Tecnologia Educacional de Dourados, como afirma o professor Ronaldo: “Tivemos o apoio do NTE, no entanto eles também não tinham tecnologia, computadores e câmeras adequados”. Quanto às escolas envolvidas, os coordenadores e diretores mostraram-se solidários, disponibilizaram as salas, aparelhos de TV, DVD, vídeo cassete e computadores existentes na escola, “as direções das escolas incentivavam muito e ajudavam dentro das possibilidades, davam o lanche (os encontros eram aos sábados), mas acredito que faltou mais empenho na busca de equipamentos, pois as escolas também não tinham, fato que levou o projeto a morrer”, lamenta o professor.

Dois problemas para o desenvolvimento do projeto foram apontados pelos professores como os maiores obstáculos: a falta de apoio do estado e dos professores. O projeto implantado teve uma quantidade pequena de produções, nenhuma concluída definitivamente até a edição final, justificada pelo coordenador do projeto e pelos alunos, devido à falta de apoio quanto aos recursos materiais e financeiros, “falta de equipamentos, ao menos uma câmera digital e um computador mais potente que os disponíveis nas escolas” afirmaram os alunos. Indagado quanto à participação dos apoiadores descritos no projeto, o professor informou que os únicos procurados foram a Prefeitura, pela Secretaria de Educação e as escolas. Segundo ele, as escolas disponibilizaram o que tinham em mãos, porém, os computadores eram ultrapassados e não tinham câmeras. Quanto à secretaria de Educação do Município, o máximo que conseguiu foi o transporte e camisetas, pois o projeto se desenvolveu em escolas do Estado, ou seja, esbarrou em trâmites burocráticos e de hierarquia. Solicitou apoio junto à Secretaria de Educação do Estado, porém, não obteve retorno. Quanto às instituições de ensino superior e jornais, não foram contatados, pois o professor Ronaldo se via sozinho nessa tarefa, e devido às suas outras atividades profissionais e particulares, não teve tempo disponível de entrar em contato e solicitar os patrocínios e parcerias.



Assim, eles trabalharam apenas com uma câmera semi-profissional cedida pelo Núcleo de Tecnologia Educacional de Dourados NTE, que em junho de 2007 estragou. Devido a esse problema, as gravações tiveram que ser paralisadas, até que os alunos, depois de dois meses, conseguiram emprestada outra câmera e captaram mais algumas imagens, porém, em pouco tempo tiveram que devolvê-la.

Também não receberam treinamento específico de um profissional cinegrafista a fim de direcioná-los no como gravar, o que gravar, sob que ângulo, áudio, etc, apenas poucas dicas quando visitaram os estúdios da TV Rit e, novamente, essas orientações eram dadas pelo professor Ronaldo, que também não possui formação específica para esse fim, apenas a curiosidade e leitura de conteúdos sobre o tema.

Quanto à edição, o pouco que foi feito não usou um programa profissional de edição, mas um intermediário, pois não tinham um bom computador e nem um profissional que os ensinasse a trabalhar, aprenderam mexendo, lendo manuais e buscando orientações pela internet. Devido aos imprevistos e problemas citados não foi possível chegar à fase final, de divulgação, pois não houve a finalização da produção.

Como os resultados a serem desenvolvidos no projeto não eram apenas materiais, no sentido da produção, indagamos os professores coordenadores quanto ao desenvolvimento dos outros objetivos, tais como, a interação com o mundo digital e desenvolvimento de um olhar mais crítico pelos alunos diante da produção audiovisual, ambos responderam que o ponto mais positivo era ver os alunos participando de uma atividade na escola de modo voluntário e aos sábados, enfatizando essa convivência como “fantástica”, o professor Ronaldo afirmou com entusiasmo: “o interesse dos alunos pela história regional, através de debates (não havia prova escrita) e o desempenho na atuação como repórteres e intérpretes fizeram com que eles aprendessem muito no local onde estávamos filmando. Todas as imagens eram feitas por eles, assim, acredito que conseguimos despertar nos alunos uma nova visão sobre as tecnologias digitais na aprendizagem, despertamos vocações e aumentamos o nível de conhecimento deles sobre a história regional, coisa que em sala de aula não conseguiríamos nunca. Ler sobre a velha estrada de ferro é uma coisa. Estar lá é outra”.

Os três alunos entrevistados informaram que “adoraram” participar do projeto e aprenderam principalmente, a ter um olhar crítico em relação aos filmes e sobre a produção audiovisual. Afirmaram também, que o que os impulsionava a participar era a confiança no professor Ronaldo e a possibilidade de fazerem algo novo, diferente, “se o professor falasse, vamos pular nesse poço, nós pularíamos, pois sabemos que ele quer que aprendamos e vemos sua dedicação e preocupação com a gente”, relatou Renieder.



Nenhum vídeo tem um roteiro pré-definido, os entrevistados informaram que liam sobre os lugares a serem visitados e no local, de posse das informações prévias e do que viam, começavam a filmar e entrevistar. Foram produzidos oito vídeos, somando aproximadamente seis horas. Eles incluem encenações e imagens feitas pelos alunos na Estação Ferroviária desativada de Itahum, Dourados MS; nas escolas Celso Muller do Amaral e Floriano Viegas Machado; estúdio da TV Rit, durante as gravações do programa Câmera Alerta; no primeiro encontro com as famílias da Associação Civil não governamental Alecrin, Museu Histórico de Dourados MS; Copa da Juventude.

Os resultados do projeto não podem ser analisados somente do ponto de vista material, de produção, mas também do ponto de vista social, relacionado às transformações na vida dos participantes pelo conhecimento adquirido e práticas realizadas. É o que se percebe no projeto Cine-Escola, pois o resultado principal, que seria o documentário produzido e finalizado para divulgação nas escolas não foi concluído, no entanto, os fragmentos da produção, os sentimentos a aprendizados que fogem do campo físico devem ser levados em consideração e relacionados para entendermos de que modo o projeto conseguiu ser lugar de interação e comunicação.

Não foi possível medir se foram alcançados os resultados pretendidos em relação às melhorias em sala de aula dos alunos participantes, pois segundo o coordenador e professor Ronaldo não houve um acompanhamento pelos professores com os alunos específicos inscritos no projeto. Quanto à interação entre os participantes do projeto, o encontro com o novo, diferente do que viam na escola, fez da convivência um lugar de crescimento e amadurecimento, pois uma das questões levantadas pelos entrevistados foi ver o quanto alunos considerados tímidos conseguiram desinibir-se e o quanto suas percepções de mundo e até profissionais foram expandidas.

4 ANÁLISE

No projeto Cine-Escola, apesar do desenvolvimento não ter contemplado tudo o que foi proposto no plano do projeto, o material foi todo produzido pelos estudantes, o aluno filmou, escreveu e editou pensando no aluno, nisso consiste uma percepção crítica como prática cidadã e livre, “Trata-se do jornal escolar interdisciplinar experimentado pelos próprios alunos, como oportunidade de refletirem a realidade escolar e como exercício de expressão verbal e escrita” (NEUMANN, 1991, p. 67). Pensando dessa forma, pode-se analisar o projeto Cine-Escola em sua totalidade, e ao analisar e criticar suas falhas ou pontos a melhorar, abrir espaços para diálogos de construção do mais adequado sobre a produção audiovisual em sala de aula, diante do contexto das escolas públicas, neste caso, douradenses.



O primeiro ponto a ser discutido é se atingiu os princípios da educomunicação, pode-se dizer que em parte. A inserção do conhecimento sobre a mídia em questão, produção audiovisual foi feita, porém, não da maneira idealizada, o conhecimento teórico foi passado, porém o conhecimento prático, de reconstrução foi prejudicado. Assim, duas falhas principais fizeram com que alguns dos objetivos do projeto Cine-Escola fossem frustrados: essa falta de interação e as falhas no planejamento. Quanto ao planejamento percebeu-se uma lacuna entre o que deveria ser um planejamento de produção audiovisual em sala de aula, conforme Girão (2005), e o planejamento de fato do projeto, ainda, as diferenças entre o que foi planejado e o que foi executado.

Para entender melhor, é preciso analisar a noção de projeto tida pelos coordenadores. Conforme coloca a autora Girão, uma série de detalhes devem ser estudados antes de iniciar uma produção audiovisual, principalmente o conhecimento técnico da equipe e dos equipamentos. Isso não ocorreu no projeto, pois o que tinham era apenas a força de vontade e o conhecimento na área educacional de dois corajosos professores.

O conhecimento dos professores do projeto, no que abrange a área de história do cinema, cultura e regionalismos de Dourados se mostrou suficiente, porém, um cinegrafista, um editor, um jornalista ou até cineasta seriam os profissionais mais indicados a levarem para os alunos as noções práticas de produção de um vídeo documentário. Por essas razões, as fases teórica, de pesquisa e produção foram prejudicadas e fizeram com que a fase de finalização e divulgação não fosse concretizada.

A falta de um melhor controle e organização das tarefas entre os participantes do projeto fez com que as parcerias importantes para seu sucesso não fossem concretizadas, pois a maioria das entidades colocadas no planejamento nem sequer foram procuradas. Caso tivessem, talvez os suportes técnicos e de pessoal pudessem ter sido melhorados e o projeto chegado ao seu objetivo final.

A evasão dos alunos que se inscreveram e não participaram ativamente, ainda, a não interação entre os professores desses alunos e os coordenadores do projeto, foi resultado da forma como esses alunos foram inseridos, não pelo critério descrito no planejamento. Essa falta de interação levou à não possibilidade de avaliar um dos pontos mais relevantes do planejamento do Cine-Escola, que era verificar o quanto a participação no projeto ajudaria os alunos com problemas de indisciplina e evasão escolar.

No que tange a relação escola, governo e o projeto, Soares (2002) afirma que a ação da Educomunicação se consiste em um lugar onde sejam favorecidos conjuntos de ações para que educadores, comunicadores e outros agentes ampliem as relações de comunicação na comunidade



educativa. No contexto de realização do projeto, não existiram em totalidade esse conjunto de ações, que poderiam ser traduzidos em apoio material, técnico e humano. Mesmo com a “boa vontade” dos diretores e coordenadores das escolas, o amparo financeiro e de formação é responsabilidade do governo, só assim, é possível desenvolver ações de inclusão digital, pois o investimento e fornecimento de equipamentos modernos e de qualidade é um dos fatores fundamentais. Ora, inclusão digital implica em ter em mãos e saber manusear *hardwares* e *softwares*.

Quanto aos vídeos, a falta de experiência e orientação adequada, ou seja, de um profissional da comunicação e cinegrafista, fez com que os alunos não compreendessem a natureza de um documentário, por essa razão, o material produzido por eles não se assemelhou aos conceitos propostos por Ramos (2008) sobre a forma e essência de um documentário.

Pelos depoimentos dos alunos participantes, foi possível constatar que aqueles que realmente se empenharam e participaram do projeto conseguiram dar um passo adiante na sua formação cognitiva e crítica. Falas como: “o projeto Cine-Escola é muito importante, aprendi bastante coisa sobre os filmes, principalmente sobre meu ídolo Charlie Chaplin”, “estamos aprendendo muita coisa, estamos desenvolvendo um olhar crítico sobre os filmes, coisa que a gente não tinha antes”, “é ótimo participar do Cine-Escola, pois faz com que eu aprenda sobre arte e cultura, e isso é muito bom”, “é muito interessante participar do projeto e eu gostaria de seguir essa carreira (de cinema)”, “é muito importante para nosso aprendizado, e eu quero aprender mais”, “estou participando do projeto porque é muito bom para meu conhecimento e relacionamento com as pessoas”, “estou participando porque amo teatro e cinema”, “achei muito interessante a idéia de descobrir o que se passa atrás das câmeras”, demonstram que mesmo com as dificuldades, o projeto Cine-Escola despertou nesses alunos a compreensão de que podem interagir positivamente com o mundo e tecnologias que os rodeiam, tornando-se mais observadores, atuantes e críticos do contexto de mundo e de sociedade que lhes ditam regras e caminhos a seguir, o que propõe a educomunicação.

Pode-se dizer também, que os professores Ronaldo e Laércio atuaram como educadores no que tange a interação aluno x mídia, conforme explicitado por Costa (2003), visto que, mesmo sem terem informações de projetos semelhantes, colocaram os alunos em contato com o novo, com o cinema, com a arte, com a mídia e tecnologias, e propiciaram uma confrontação de conhecimentos, reflexões e idéias imprescindíveis ao aprimoramento crítico e social do estudante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Mesmo diante da sua não conclusão, o projeto em questão é uma iniciativa plausível do reconhecimento da mídia como fator importante na formação social e cognitiva de alunos. Outrossim, demonstra o quanto a presença e formação constante de verdadeiros educadores se faz necessária para uma educação melhor no sistema público.

No desenvolvimento do projeto estudado não houve o auxílio direto de um jornalista, por esta razão tem-se como hipótese de que é possível e imprescindível o diálogo entre educação e comunicação, entretanto, desde que as duas profissões se encontrem e se complementem com responsabilidade e ética. A formação humana, crítica e profissional de comunicadores em projetos de cunho educativo enriquecem os resultados, pois só tendem a somar com a bagagem sócio, cognitiva e cultural do professor. O mais importante é que essa união seja a responsável para que as “criações” jornalísticas dos alunos produzidas na escola, face o contato e leitura crítica dos veículos midiáticos, sejam meios alternativos para a compreensão também crítica da realidade e expressão de pensamento.

Entendemos que instituições de ensino superior, diante de sua responsabilidade social, podem fomentar esse encontro, no sentido de oferecer eventos, oficinas, grupos de pesquisa e discussão da educomunicação no âmbito local. Assim, mais educadores podem ser formados e projetos, como o próprio Cine-Escola, e outros semelhantes podem ser desenvolvidos, de maneira planejada e coerente, com orientação especializada.

A mídia digital também se apresenta como alternativa para essa interação, um *site* sobre educomunicação em Dourados, por exemplo, poderia promover a troca de experiências entre professores, pesquisadores, comunicadores e alunos, e o mais importante, trazer aos olhos da opinião pública todos os pressupostos e paradigmas que cercam, ora aproximando, ora distanciando, os universos da educação e comunicação, confrontando-os com a realidade.

Com certeza, tais iniciativas fomentam a criação de ecossistemas comunicativos, como defende Soares, estimula e fortalece a prática da responsabilidade social de cada agente do processo, principalmente do governo, principal responsável por garantir os direitos dos cidadãos preconizados pela Constituição.

Considerando que a educação pública atende famílias carentes, encontrar alternativas para melhorar o processo de aprendizagem, criticidade, inclusão digital e social de crianças e adolescentes, tornando os emaranhados da linguagem e da comunicação mediática compreensíveis, ainda, propiciar melhores perspectivas pessoais e educacionais a elas, também é uma das responsabilidades sociais do jornalismo. Tal perspectiva alicerça este trabalho final de graduação em jornalismo, como forma de contribuir para a sociedade e escolas públicas em geral, no



desenvolvimento do trabalho conjunto entre jornalistas e educadores, instituições de ensino superior e governo, para a democratização das mídias e sua inclusão educativa de forma séria e coerente, não maquiada e guiada por intenções escusas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel. **Integração das tecnologias da Educação: o salto para o futuro**. Brasília: MEC, 2005.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1998.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina. **Comunicações e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.

COSTA, Maria Cristina Castilho Costa. **Educomunicador é preciso**. São Paulo: 2003. Disponível em <http://www.usp.br/nce/>. Acesso em 11/06/2009.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

MORAN, Paulo Manuel. **Leituras dos meios de comunicação**. São Paulo: Pancast, 1993.

NEUMANN, Laurício. **Educação e comunicação alternativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

Projeto Educom.TV: formação on line de professores numa perspectiva educomucativa. Disponível em www.usp.br/nce/aeducunicacao. Acesso em 11/06/2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal, o que é mesmo um documentário?**. São Paulo: Senac, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação**, in comunicação & educação. São Paulo: ECA/USP, 2002.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. **Comunicação, educação e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Fafic, 2003.